

## Duzentos anos da “Casetta”

*P. Pietro Antonio Fietta*

“27 de agosto de 1820. - Lembrando neste dia a festa de nosso principal padroeiro, S. José de Calasanz, fomos morar na casa que havia sido preparada para a nova congregação”. Assim, o P. Francesco Saverio Zanon, nos documentos da história dos nossos Padres Fundadores, relata o início da primeira comunidade religiosa da nossa Congregação. “O mais velho dos diretores entrou, o outro permaneceu em casa para cuidar da mãe octogenária e juntou-se os clérigos Pietro Spernich, Matteo Voltolini e Angelo Cerchieri, e como ajudante o jovem Pietro Zalivani, todos com o espírito de pertencer ao novo Instituto”.

Depois de duzentos anos é bom voltar às origens para aprender da herança preciosa que nos vem daquela casinha que foi o ninho da nossa Congregação. Eu sempre ouvi mencionar esse nome assim, e sempre pensei que era uma casa pequena com poucas instalações. Na realidade, não era deste modo. Eram pequenos contruções, velhas e em ruínas, que unidas poderiam se tornar uma única casa. Mas os Fundadores tiveram que sofrer e esperar muito tempo para comprar as casas que estavam interpostas entre as que já haviam comprado. O imperador da Áustria, na sua segunda visita às escolas, ofereceu ao nossos Padres 1000 florins para pagar as dívidas da escola e com o que restou, conseguiram comprar e reformar as outras casas que unidas com as que haviam comprado anteriormente, formou a “casetta”.

A “casetta” passou por várias vicissitudes e proprietários, de acordo com o que Padre Basílio escreve nos Pensamentos e Afetos, de 1958. “A casetta onde a Congregação nasceu e onde muitos de nossos confrades morreram santamente, Deus queria nos devolver. Por primeiro a teve os Somaschi, depois o Banco de Sao Marcos, depois os Gesuati e enfim nós”.

Os Cavanis haviam comprado o Palácio da Mosto para seus alunos, mas para eles escolheram a pobre “casetta”. Antonio deixou o nobre Palácio Cavanis, casa grande, bonita, arejada e ensolarada, localizada em um dos lugares mais bonitos de Veneza, para ir morar na casa pequena, pobre e insalubre. Penso que era para ele viver na carne o mistério da Encarnação: como homem rico, ele se tornou pobre, ele se abaixou para compartilhar o destino dos pobres e ajudar a pobre juventude dispersa, doando a sua vida para que os jovens tivessem nova vida.

Como descreve P. Zanon, a casa devia ser muito pobre: “A casetta era um edifício que cercava o pátio de recreação dos dois lados; um ao longo da passagem, da ponte (*da fundamenta*) dos Arsenalotti, e o outro ao longo da Corte Balecca. O primeiro era formado por um único andar e o outro tinha dois andares. O refeitório e a cozinha ficavam no primeiro andar; o oratório da casa no segundo. Paredes velhas, remendadas, corroídas pelo sal e, portanto, sempre dilapidado, no primeiro andar: do patio de recreação era preciso descer dois degraus para chegar no refeitório e quatro degraus para ir no oratório. E quando, como acontece em Veneza mais de uma vez por ano, no inverno, as águas da lagoa empurradas pela maré e pelo vento invadem os pontos mais baixos e, às vezes, a cidade inteira, aquele pobre refeitório, a cozinha e, mais ainda, o oratório, foram inundados e os confrades que moravam na Casetta puderam nos contar sobre quando os bancos do oratório flutuavam na água e os irmãos leigos tinham que fazer algum tipo de balsa na cozinha, para se aproximar da lareira (*fogao*) e preparar comida para a comunidade”. Várias vezes ouvi histórias de confrades idosos que o inverno em Veneza era muito rigoroso e úmido, não havia aquecimento na casa, os banheiros eram bastante rudimentares. No quarto havia uma bacia com água e, muitas vezes, no inverno, precisavam primeiro quebrar o gelo para se lavar.

A vida na “casetta” vivida na simplicidade e na pobreza, era vida escondida com Cristo em Deus, através da oração, do silêncio, e na preparação do estudo e do ensino. A casa também foi o primeiro seminário dos Cavanis. Entre aqueles pobres muros, sob a orientação sábia e amorosa do Pe. Antonio, os jovens clérigos saboreiam e bebem o Carisma Cavanis, preparando assim o surgimento de uma nova Congregação para a Igreja, que levaria o nome de Escolas da Caridade. E foi, justamente a caridade que animou aquela pequena comunidade nas provas, tendo em vista o bem que se esperava. Não faltaram dificuldades, problemas e até grandes sofrimentos, quando a morte visitou a “casetta”, levando vidas de jovens, que eram grandes promessas para a nova Congregação. O ambiente úmido e insalubre, os alimentos muitas vezes escassos, eram terreno fértil para doenças que, para alguns, foram mortais. Dos louvores do funeral que P. Marco escreveu para o jovem falecido Angelo Battesti, que era Diácono, Giuseppe Scarella e Bartolomeo Giacomello, pode-se entender quão grande foi a piedade e o fervor religioso que animou a primeira comunidade e como eles viviam unidos no vínculo da caridade. Valorizando a vida exemplar desses jovens religiosos, o Pe. Marco escreveu: “O amor pelo próprio Instituto sempre mantém vivo o espírito de uma vocação específica, desperta a estima de tanta graça, inflama o compromisso de corresponder a ela, anima-nos a apoiar os trabalhos do ministério, reforça nas tentações da inconstância e dissipa as ilusões de uma piedade caprichosa que se satisfaz e se alimenta de fervor imaginário, negligenciando as práticas das obras próprias do seu estado, enquanto são essas que o Senhor busca em cada de nos”.

“O casa é onde se encontra o coração”, escreveu Plínio, o Velho, e, portanto, o coração da nascente Congregação palpitava na “casetta”, que se originou da ardente caridade dos dois irmãos, também transmitida aos primeiros congregados. A chama da caridade iluminou a vida santa de muitos de nossos confrades que nos precederam, aqueceu o coração e iluminou a mente de gerações de jovens que vieram para nossas escolas e foram ajudados a redescobrir os verdadeiros valores da vida. Podemos dizer, o que passa pelo coração nunca morre, porque o amor é vida e aqueles que amam não morrem. Na caridade reside a fonte e a vida perene do nosso carisma, e não trairemos nossa missão se formos movidos exclusivamente pela caridade de Cristo e não por outros interesses particulares.

Por duzentos anos, construímos grandes estruturas, institutos e escolas para a juventude e, esquecendo o espírito de pobreza que animou nossas origens, adaptamos nossas casas com todo o conforto, cedendo ao que o Papa Francisco chama de “mundanismo”. Hoje sentimos a dificuldade de levar adiante as grandes estruturas também pela redução do número de religiosos em algumas partes territoriais. Estamos dispostos a deixar algumas estruturas, mas não sei se estamos dispostos a abandonar certos confortos ou estilos de vida burguês, para retornar ao espírito de pobreza que nos faz sentir a necessidade de Deus e confiar na sua providência e estar mais próximos dos pobres. Também Basilio Martinelli nos deixou uma bela recomendação: “Nunca venha diminuída a pobreza, a caridade paterna e o espírito dos Fundadores. Se tem isso, o bem que faremos será grande e a marca em nossos queridos alunos não se apagará. Nós amamos a pobreza! A pobreza é a virtude mais agradável a Deus e aos Fundadores. É a base da vida religiosa”.

A “casetta” nos lembra um pouco da lareira doméstica e da vida familiar que se desenvolve ao seu redor. Nossas comunidades são realmente famílias? Vivemos a fraternidade não porque repetimos um slogan comum, **somos todos irmãos**, mas porque na comunidade nos sentimos em casa, unidos no vínculo da caridade, apoiando e valorizando um ao outro, e onde cada um têm sua tarefa e um papel para desenvolver.

Sempre dissemos que em nossas obras queremos ser famílias onde os alunos são acolhidos como filhos e onde exercemos o cargo mais de pais do que de mestres. A familiaridade paterna, a presença assídua no meio das crianças e a vigilância, formaram a base do método educacional

Cavanis que inspirou também São João Bosco. Mas não podemos viver apenas do legado do passado, repetindo apenas o que sempre foi feito, somos chamados a uma fidelidade criativa e ousada, sempre fiel ao espírito das origens, ou seja, motivada pelo grande amor pelas crianças e jovens. Os tempos mudaram, mas hoje os jovens precisam, mais do que no passado, de encontrar pais de verdade que os guiem na vida.

Em alguns países do norte da Europa, havia uma tradição muito significativa. Quando se celebrava um matrimônio, o marido levava algumas brasas da lareira da casa paterna para acender o fogo na nova lareira onde iria morar. Esse gesto indicava que os cônjuges valorizavam todos os ensinamentos recebidos de seus pais e se comprometiam a viver o amor como seus pais. Será nosso compromisso levar em todas as aberturas missionárias e nas novas fundações, uma brasa da lareira da “casetta”.

Celebrar o bicentenário da “casetta” significa reviver o fogo da lareira doméstica, reacender as brasas que jazem sob as cinzas do tempo, para que o Espírito ilumine novamente nossos corações e nossas obras e assim podemos nos orgulhar do nome de Cavanis.

*(traduzione a cura di P. Irani L. Tonet)*